



## DISCURSO AUTORITÁRIO: JACAREZINHO, O PAÍS INIMIGO

Dayvesson Deleon Bezerra da Silva<sup>1</sup>

Verônica Maria Brayner de Oliveira Lira<sup>2</sup>

As reflexões aqui desenvolvidas estão construídas sob o lastro teórico-metodológico da Análise de Discurso de Linha Francesa (AD), e objetiva apresentar os resultados do gesto de interpretação decorrente da análise do funcionamento discursivo do vice-presidente da República do Brasil, General Hamilton Mourão, frente à ação policial realizada no dia 06 de maio de 2021, na comunidade do Jacarezinho, na cidade do Rio de Janeiro. A referida ação é considerada a mais letal ocorrida nas favelas cariocas, e resultou em 28 (vinte e oito) mortes, entres as quais, a de um policial que fazia parte da abordagem. Dentre as ilegalidades que podem ser apontadas na ação, estão a restrição pelo Supremo Tribunal Federal de operações policiais nas favelas do Rio de Janeiro, em função da pandemia, a inobservância dos acordos internacionais que tratam dos Direitos Humanos, bem como, o descumprimento do que prevê os artigos do código penal sobre o uso proporcional da força pela polícia.

Em decorrência da truculência da ação, o Ministério Público Federal instalou uma força-tarefa para apuração de possível ato de execução e de excessos na intervenção policial em Jacarezinho. Nesse contexto, a fala do atual vice-presidente do Brasil, Hamilton Mourão, que concedeu entrevista a jornalistas, fez eco nas redes sociais e na imprensa do Brasil e do exterior. General da reserva do Exército, nascido em Porto Alegre (RS), filho de general de divisão, Mourão deixou o exercício da ativa em fevereiro de 2018 e filiou-se ao Partido Renovador Trabalhista (PRTB). Em outubro do mesmo ano, candidatou-se à vice-presidente na chapa do Partido Social Liberal (PSL) que lançou e elegeu Jair Bolsonaro à Presidência.

Em meio aos arroubos de declarações que atentam contra liberdades individuais, à imprensa, aos opositores políticos, aos outros poderes da República, dentre outros, Bolsonaro faz-se projetar no cenário nacional e mundial como uma personalidade implacável da extrema-direita. Por outro lado, à sombra dos rompantes do Presidente, Mourão, mais acessível ao trabalho da imprensa, parece convencer alguns analistas políticos sobre suas possíveis convicções democráticas. Mas não se trata de uma unanimidade, ou até mesmo, de opiniões representativas em um contexto amplo. O colunista Pedro Doria, do jornal O Globo (<https://oglobo.globo.com>), ao comentar a entrevista concedida por Mourão à emissora alemã *Deutsche Welle*, ocasião em que o vice-presidente faz referências elogiosas ao Coronel Carlos Alberto Ustra, sobre quem pesa, nos registros da história, a atuação de um dos mais cruéis torturadores da

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Bolsista da Fundação Antônio dos Santos Abranches (FASA/UNICAP). Membro do grupo do CNPq, intitulado Discurso, sujeito e sociedade, constituído no Programa de Ciências da Linguagem. Recife – PE. E-mail: ddayvesson@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciências da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Membro do grupo do CNPq, intitulado Discurso, sujeito e sociedade, constituído no Programa de Ciências da Linguagem. Recife – PE. E-mail: veronica.brayner@unicap.br.

ditadura militar brasileira, afirma: “ Ao elogiar torturador, Mourão afasta a percepção de que é moderado” (DORIA, 2020).

Assim, procederemos com um trabalho analítico baseado nos pressupostos da teoria e dos métodos da AD, tendo como referenciais os estudos de Michel Pêcheux, Eni Puccinelli Orlandi e Freda Indursky. O *corpus* foi constituído dos dizeres de Hamilton Mourão, publicados nos sites de notícias G1/Rio de Janeiro ([g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/](http://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/)) e Correio Braziliense ([correio braziliense.com.br/](http://correio braziliense.com.br/)), e se situam no campo discursivo político. Para realizarmos o gesto de interpretação ora proposto, sistematizamos o *corpus* em três Sequências Discursivas (**SD1**, **SD2** e **SD3**), e abordamos os textos, enquanto objeto linguístico-histórico, a partir do funcionamento da linguagem que “põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história” (ORLANDI, 2020, p.19). É, pois, desta forma, que analisaremos o processo de constituição do sujeito e a produção de sentidos, sendo estes, dissimulados pelas evidências, que por sua vez, decorrem do “todo complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 2014, p.146). A partir da Formação Ideológica (FI) manifestada em uma Formação Discursiva (FD) que determina “o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 2014, p. 147), enfatizamos as marcas do discurso político autoritário, em função do objetivo da nossa análise, nas seguintes sequências discursivas:

**SD1** - *Tudo bandido.*

**SD2** - *É um problema da cidade do Rio de Janeiro, que já levou várias vezes que as Forças Armadas fossem chamadas a intervir. É um problema sério da cidade do Rio de Janeiro que vamos ter que resolver um dia ou outro.*

**SD3** - *Na entrada, um policial recebe um tiro na cabeça de um bandido que estava instalado em cima de uma laje. Isso aí é a mesma coisa que a gente tivesse combatendo em um país inimigo. Então, conseqüentemente, a partir daí houve esse combate de encontro. Eu tenho quase certeza absoluta, não tenho todos os dados disso, que os mortos eram marginais que estavam lá armados enfrentando a força de ordem.*

Na posição-sujeito de General do Exército e Vice-presidente de um governo alinhado às Forças Armadas, Hamilton Mourão silencia sobre os Direitos Humanos e o que preconiza as leis a respeito das políticas de segurança pública enquanto conjunto de diretrizes que visam, dentre outros, à preservação da vida e à incolumidade das pessoas e do patrimônio. Indursky (1997, p.15), ao analisar o discurso presidencial do regime militar, na obra *A Fala dos Quartéis e as Outras Vozes*, afirma que seu objeto de estudo implica necessariamente na análise “do funcionamento discursivo de um discurso autoritário”. A autora ressalta, ainda, dentre outras especificidades do discurso autoritário e desafios para os analistas, o trabalho discursivo para aniquilamento do embate entre os sentidos em função da imposição de uma verdade absoluta, sem restar arestas para sentidos outros. Antes de passarmos ao processo analítico, e diante do exposto até aqui, vale ressaltar as condições de produção do discurso em questão, na perspectiva teórica de Orlandi (2020). As circunstâncias da produção do discurso em questão, a considerar o contexto imediato e o contexto sócio-histórico e ideológico, são lugares que, acessado pelo gesto de interpretação, depara-se com a discursividade permeada pelo autoritarismo e sua dinâmica com um já-dito, com o interdiscurso.

Sabrina da Silva, ao refletir sobre a crise da democracia brasileira, a partir do governo Jair Bolsonaro, relaciona o presente e o passado, e diz que

A ascensão de manifestações de direita e de extrema direita no país, na atual conjuntura, nos faz pensar sobre a complexa relação histórica entre Estado, autoritarismo e democracia no Brasil. Assim sendo, percebemos que a incipiente democracia liberal brasileira é sustentada por uma cultura política autoritária reprodutora de desigualdades, racismos, conformismos e violências (SILVA, 2021, p.1).

Na presente análise, e conforme a noção de interdiscurso (ORLANDI, 2020, p. 29), podemos observar que na **SD1** o dizer de Mourão para justificar a chacina promovida pela polícia em Jacarezinho, “*Tudo bandido*”, relaciona-se com outro dizer, Bandido Bom é Bandido Morto, pertencentes às mesmas FDs, de direita e de extrema direita, sustentadas, dentre outras, por ideias higienistas. Para França, o “chavão expressa forte adesão a uma lógica autoritária e justiceira, e pode sancionar violência institucional (letalidade policial), justiçamentos populares (linchamentos) e atuação de grupos criminosos (esquadrões de extermínios, milícias)” (FRANÇA, 2022). Podemos aplicar na justificativa de Mourão, “*Tudo Bandido*”, a paráfrase de que as pessoas assassinadas não valem nada, haviam de ser mortas mesmo, banidas da vida. Ver-se o movimento de retorno a um pré-construído, às ideias de limpeza social, ou como parafraseiam Cabreara e Protela (2016), de limpeza da podridão, que estabiliza um dizer com sua face “maniqueísta e ancorado na incapacidade de argumentação” (CABRERA; PORTELLA JUNIOR, 2016). O discurso autoritário, ao impor uma verdade absoluta e eliminar o confronto de sentidos, deprecia e banaliza o outro, e enfrenta as FDs que lhes contrapõem com ironia e desdém sem preocupação na condução de um raciocínio que induza ou deduza a verdade imposta. Exemplo disso, é a onomatopeia “mimimi”, imitação de choro e lamúria, que dentro das FDs autoritárias pretendem responder aos argumentos das FDs que defendem o que preconizam os Direitos Humanos. Por outro lado, percebemos na **SD2** os sentidos atravessados pelo discurso militar que se apresenta como solução para a gestão da segurança pública do Brasil. No dizer “*É um problema da cidade do Rio de Janeiro, que já levou várias vezes que as Forças Armadas fossem chamadas a intervir*”, há um não-dito no interior do que se diz, um dizer tácito, subtendido. Orlandi, ao referir-se a maio de 1968, movimento político ocorrido na França e liderado por estudantes contra o poder hegemônico da época, afirma:

Falando de história e de política, não há como não considerar o fato de que a memória é feita de esquecimentos, de silêncio. De sentidos não ditos, de sentidos a não dizer, de silêncio e de silenciamento. Os sentidos se constroem como limites. Mas há também limites construídos como sentidos. E quando penso em maio de 68, o que vem à frente da cena – política e histórica – e o silenciamento, são os sentidos que impõem limites. A tortura, a censura, a agressão da ditadura à sociedade, à cidadania (DAVALLON; DURAND; PECHEUX; ORLANDI, 2020, p. 55).

Ao mesmo tempo que retira o foco das mortes causadas pela polícia, imprimindo um não-dito no seu dizer, Mourão induz à ideia de inoperância e fracasso das políticas de segurança pública, em nível estadual e municipal, “*problema da cidade do Rio de Janeiro*”. Silencia, ainda, sobre a competência do Governo Federal, conforme responsabilidade tripartite na segurança da sociedade brasileira. Quando enfatiza que as Forças Armadas já haviam sido acionadas “*várias vezes*” para “*intervir*” nas comunidades carioca, reforça o sentido da imprescindível militarização, do uso das forças militares, para manutenção da segurança pública. No entanto, por efeito de uma contradição, na mesma **SD2**, o discurso de Mourão sobre a resolução do problema nas comunidades, “*vamos ter que resolver um dia ou outro*”, deixa escapar o sentido de que as várias intervenções das Forças Armadas não repercutiram resultados pretendidos, visto que, ainda está por se resolver, “*vamos ter que resolver*”. A expressão “*um dia ou outro*” mobiliza sentidos

de não se saber como e quando resolver, mas, também, remete ao sentido de ameaça, de situação limite, própria de uma intervenção militar.

Voltemos às contradições identificadas no processo discursivo aqui analisado, desta vez, retomando o dizer de Mourão sobre os mortos da chacina de Jacarezinho – **SD1** “*Tudo Bandido*”, e lançando-o ao dizer que consta na **SD3** “*Eu tenho quase certeza absoluta, não tenho todos os dados disso, que os mortos eram marginais que estavam lá armados*”. Observemos a descontinuidade da fala, quando usa o pronome indefinido “*tudo*”, com o mesmo sentido de outro pronome indefinido no plural, ‘*todos*’, generaliza, embora admita que não dispunha de informações suficientes para sustentar a afirmação, e utiliza o “*quase certeza absoluta*”. Porém, dentro de uma certeza absoluta, inteira, não cabe uma quase certeza, incompleta.

Ao admitir que não estava baseado em dados concretos, mas mesmo assim ser contundente na afirmativa, podemos perceber o trabalho das formações imaginárias, mais precisamente os mecanismos de relação de força e de antecipação. Na perspectiva da relação de força, Mourão fala do lugar de General do Exército e Vice-Presidente de um governo que demonstra simpatia pelo totalitarismo, isso constitui o seu dizer. Para Orlandi, “como a nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são as relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares que se fazem valer a “comunicação”. A fala do professor (significa) mais do que a do aluno” (ORLANDI, 2020, p.37). No atual contexto do Brasil, onde manifestações antidemocráticas têm protagonizado a adesão de parcela da sociedade em torno da volta do regime militar, o lugar de fala de Mourão e seus dizeres fazem significar. Também, no que se refere a antecipação, enquanto condições inerentes ao sujeito de fazer projeções sobre efeitos que o seu dizer provoca nos interlocutores, na medida em que se coloca no lugar daqueles que receberam o seu dizer, Mourão elabora seus argumentos com conhecimento de que obterá efeitos positivos sobre aqueles segmentos da sociedade que estão ideológica e discursivamente atrelados a sua visão de mundo. Do mesmo modo, prevê a reação dos sujeitos vinculados à FDs opostas a sua, pois o mecanismo de antecipação “varia amplamente desde a previsão de interlocutor que é seu cúmplice até aquele que, no outro extremo, ele prever como adversário absoluto” (ORLANDI, 2020, p. 37). Em entrevista ao site Radis Comunicação e Saúde, da Fundação Oswaldo Cruz (<https://radis.ensp.fiocruz.br>), a socióloga e pesquisadora Wânia Pasinato, em resposta ao questionamento sobre o percentual de 57% dos entrevistados pela Pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública concordarem com a frase ‘Bandido Bom é Bandido Borto’ e sobre a quem servia essa ideia de cunho violento, afirmou:

Acho que esse discurso faz parte da nossa raiz, da nossa constituição como sociedade. E ele serve à preservação das instituições. Esse tipo de discurso também aparece na boca de um dos candidatos à vaga de ministro do Supremo Tribunal Federal [no momento da entrevista, o presidente do Tribunal Superior do Trabalho, Ives Gandra Martins Filho, era um dos nomes cotados], ao dizer que “a mulher deve obedecer e ser submissa ao marido”, ou na declaração de uma autoridade que diz que “tem é que matar mais presos” [do então secretário nacional de Juventude, Bruno Júlio, ao se manifestar sobre as chacinas nos presídios da região Norte]. Isso serve à manutenção das instituições. E as instituições, obviamente, são a nossa elite. É um pensamento da nossa elite branca, masculina, heterossexual, que preserva as instituições do casamento monogâmico, heteronormativo. Ou seja, uma sociedade tradicional que, em nenhum momento, o Brasil deixou de ser (PASINATO, 2020).

No percurso da sua discursividade, enquanto a imprensa noticiava que a polícia responsável pela ação dizia tratar-se de uma estratégia planejada, baseada nos recursos da inteligência policial, Mourão, enquanto aliado da referida corporação militar, entra, novamente, nas armadilhas da contradição. Na **SD3**, quando faz o relato sobre o episódio, dentro de uma dada cronologia dos acontecimentos, e ao citar o tiro

sofrido pelo policial no início da operação, diz que “a partir daí houve esse combate de encontro”. A expressão “*combate de encontro*”, segundo o Glossário de Termos e Expressões para uso no Exército, significa “Ação ofensiva que se produz quando uma fração em movimento ou ainda não totalmente desdobrada encontra uma força inimiga, estática ou em movimento, e sobre a qual não se possui as informações necessárias” (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2009). Assim, o “combate de encontro” traz o sentido de que houve uma ação impetuosa frente ao desconhecido, contrário aos argumentos de ação planejada, estudada, calculada, e que não havia conhecimento suficiente, por parte da polícia, do cenário a ser abordado. Isso implica, também, em um potencial descontrole das forças policiais que imprimiu um dos capítulos mais cruéis da história da comunidade do Jacarezinho. Ainda ao redor dos sentidos contidos na expressão “*encontro de combate*”, em que se refere a ação ofensiva e a encontro com forças inimigas, na mesma **SD3**, no trecho discursivo “*Isso aí é a mesma coisa que a gente tivesse combatendo em um país inimigo*”, há um sentido de territorialização do Jacarezinho na perspectiva de pátria inimiga, sendo outra pátria, outro território físico, geograficamente fora da pátria Brasil. Por fim, consideramos que o funcionamento discursivo de Mourão insere-se no âmbito dos discursos autoritários que dentro das suas FDs estabelecem limites, impõem verdades plenas e aniquilam outros sentidos possíveis.

## REFERÊNCIAS

- CABRERA, Michelle Gironde; PORTELLA JUNIOR, José Carlos. Do autoritarismo à higienização social: o estado de exceção ainda vive. **Empório do Direito**, 2016 Disponível em: <https://emporiiodireito.com.br/leitura/do-autoritarismo-a-higienizacao-social-o-estado-de-excecao-ainda-vive>. Acesso em: 11 jan. 2022.
- CORREIO BRASILIENSE. **Mourão sobre mortes no Jacarezinho**: “Tudo Bandido” Disponível <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/05/4922934-mourao-sobre-mortes-em-operacao-no-jacarezinho-tudo-bandido.html>. Acesso em: 21 jun. 2021.
- DAVALLON, Jean; DURAND, Jean-Louis; PECHÊUX, Michel; ORLANDI, ENI. **Papel da Memória**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.
- DORIA, Pedro. O Globo Analítico. **O Globo**. Disponível <https://oglobo.globo.com/analitico/ao-elogiar-torturador-mourao-afasta-percepcao-de-que-moderado-24685723>. Acesso em: 11 jan. 2022.
- FRANÇA, Leandro Ayres. Bandido bom é bandido morto. **CRIMLAL** – Grupo de Estudo em Criminologias Contemporâneas, 2022. Disponível em: <https://www.crimlab.com/dicionario-criminologico/bandido-bom-e-bandido-morto/67>. Acesso em: 06 jan. 2022
- G1 RIO DE JANEIRO. **Mourão diz ter “quase certeza” de que mortes em operação policial no Rio eram “marginais”** Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/07/mourao-diz-ter-quase-certeza-de-que-mortos-em-operacao-policial-no-rio-eram-marginais.ghtml>. Acesso em: 21 jun. 2021.
- INDURSKY, F. **A Fala dos quartéis e outras vozes**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- MINISTÉRIO DA DEFESA. **Manual de Campanha**. Glossário de Termos e Expressões para uso no Exército. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/298/1/C-20-1.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2022
- ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.
- PASINATO, Wânia. Vivemos um esgarçamento total das relações sociais. **Radis Comunicação e Saúde**, 2020. Disponível em: <https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/entrevista/vivemos-um-esgarçamento-total-das-relacoes-sociais>. Acesso em: 06 jan. 2022.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014.

SILVA, Sabrina Aparecida da. **Autoritarismo e crise da democracia no Brasil**: entre o passado e o presente. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/75120>. Acesso em: 04 jan. 2022.